

## Painel / Linha temática 11

*Pós-colonialismos: relações coloniais, dominações e resistências*

---



### Mesa 11.1

## "Fronteiras, Linguagens e Representações"

**Investigadora Convidada/Comentadora**

Elena Brugioni<sup>1</sup>

**Moderadora**

Cristina Sá Valentim<sup>2</sup>

**Coordenação**

Cristina Sá Valentim

Contacto: [cristina.valentim@gmail.com](mailto:cristina.valentim@gmail.com)

---

## Dia 6, 2ª Sessão

---

<sup>1</sup> Elena Brugioni é Doutorada em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Investigadora no Centro de Estudos Humanísticos – CEHUM e Professora Auxiliar Convidada do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. As suas áreas de investigação passam pelas Literaturas Africanas, Estudos do Índico [Indian Ocean Studies] e Estudos Pós-coloniais. Desde 2010 desenvolve o projecto de Pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia — Programa Operacional Potencial Humano e Fundo Social Europeu —: “Provincianizando o Cânone. O questionamento das ‘grandes narrativas’ europeias em literaturas homoglotas” [SFRH/BPD/62885/2009]. Das suas publicações destaca-se o livro *Mia Couto. Representação, História(s) e Pós-colonialidade* (Húmus/CEHUM, 2012) e a co-organização das antologias *Itinerâncias | Journeys. Percursos e Representações da Pós-colonialidade* (Húmus/CEHUM, 2012) e *Áfricas Contemporâneas | Contemporary Africas* (Húmus/CEHUM, 2010) e do dossier temático “*Narrando o Índico*” da revista *Diacrítica* 27-3 (no prelo).

<sup>2</sup> Membro da Comissão Organizadora do Colóquio. Licenciada e mestre em Antropologia Social e Cultural na Universidade de Coimbra e doutoranda em Sociologia no programa de *Pós-Colonialismos e Cidadania Global* no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com o apoio de uma Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É investigadora colaboradora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e membro do Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais (GAIEPC).

## Oradores e Comunicações

Nº	Nome completo	Email	Título da comunicação	Instituição
30	Luís Mousinho Mascarenhas Gaivão	<a href="mailto:lgaviao@sapo.pt">lgaviao@sapo.pt</a>	<i>Tempos e espaços pós-coloniais – para uma globalização localizada, um tempo novo e um novo espaço.</i>	CES-FEUC
69	Isabel Alexandra Baptista Marques	<a href="mailto:marques68alexandra@gmail.com">marques68alexandra@gmail.com</a>	<i>As relações coloniais em autobiografias de infância</i>	Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
29	Mateus Segunda Chicumba	<a href="mailto:mateuschicumba@yahoo.com.br">mateuschicumba@yahoo.com.br</a>	<i>A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais</i>	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
9	Claudia Maisa Antunes Lins	<a href="mailto:maisantunes@yahoo.com.br">maisantunes@yahoo.com.br</a>	<i>O tempo da arte e o tempo da educação.</i>	Universidade do Estado da Bahia - Brasil

### Resumos/Abstracts

*Proposta 30*

*Luís Mousinho Mascarenhas Gaivão<sup>3</sup>*

### **Tempos e espaços pós-coloniais – para uma globalização localizada, um tempo novo e um novo espaço**

Os colonialismos modernos dos séculos XIX e XX conduziram o capitalismo até uma exploração global que não discrimina positivamente as diferenças, antes as propõe eliminar. Nunca o eurocentrismo/colonialismo/neocolonialismo soube “olhar o outro” senão como instrumento de servidão e lucro, alienando-o na ignomínia de o considerar inferior. Hoje, temos de dar lugar aos tempos diferentes que habitam a nossa humanidade e, em simultâneo, olhar o outro e os seus espaço/tempos como diferentes, para os integrar, nas soluções do futuro.

As fronteiras que enriquecem, interior e exteriormente, as culturas do mundo, têm que ser sistematicamente perpassadas por traduções respeitadoras do original e do traduzível. As transculturações colaboram totalmente nesse mecanismo para uma globalização das diferenças localizadas.

Estudaremos estas questões no que respeita aos pensadores pós-coloniais do Sul ou

<sup>3</sup> Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, colaborador do Projeto “De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais” do CES/FCT, mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação “CPLP- A Cultura como Principal Fator de Coesão”, licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), professor reformado, ex-adido cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, cooperante-formador na DGEX (Direção Geral de Educação de Adultos, em Cabo Verde), membro fundador da AICL (Associação Internacional Colóquios da Lusofonia), formador do projeto Entreculturas do Ministério da Educação. Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais.

com ele identificados, como Boaventura de Sousa Santos, Ángel Rama, Walter Mignolo e António de Sousa Ribeiro. A sociologia das ausências de Boaventura de Sousa Santos tem, agora e neste enquadramento, a palavra para avançar.

---

**Palavras-Chave:** Colonialismo; Eurocentrismo; Tempo e espaço; Fronteiras; Tradução cultural; Sociologia das ausências.

*Proposta 69*

*Isabel Alexandra Baptista Marques<sup>4</sup>*

---

## **As relações coloniais em autobiografias de infância**

---

Como descrevem os filhos de colonos portugueses de Angola e Moçambique a realidade colonial da sua infância e adolescência? Enquanto adultos reflectem uma memória crítica baseada na sua experiência pessoal?

A presente comunicação visa mostrar como as relações coloniais no final do império português em África são evocadas por estes sujeitos, em depoimentos orais e nas recentes narrativas autobiográficas de Dulce Maria Cardoso e Isabela Figueiredo.

---

**Palavras-Chave:** Relações coloniais; África; Autobiografias; Infância.

*Proposta 29*

*Mateus Segunda Chicumba<sup>5</sup>*

---

## **A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais**

---

No apogeu da ocupação colonial portuguesa e a consequente institucionalização da Educação formal em Angola, as línguas autóctones (línguas nacionais/línguas maternas) foram marginalizadas, reservando esse papel unicamente à língua do colonizador, o português. Aquelas ficaram relegadas à necessidade de evangelização. Mesmo depois da

---

<sup>4</sup> Nascida em Janeiro de 1968, em Lisboa, é bolsista da FCT desde Julho de 2011 e defenderá no Verão de 2014 a tese: Deixar África (1974-1977): Experiência e Trauma dos Portugueses de Angola e Moçambique. Licenciada em História com 16 valores, exerceu a profissão de jornalista em política nacional desde 1991 (actualmente com actividade suspensa). É autora da narrativa histórica Segredos da Descolonização de Angola, publicada em Maio de 2013 pela Dom Quixote.

<sup>5</sup> MATEUS SEGUNDA CHICUMBA, licenciado em 2006, em Ciências da Educação, opção Pedagogia, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto, em Angola. Estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no período académico 2010/2012, concluiu o grau de Mestre em Língua e Cultura Portuguesa, opção em Metodologia do Ensino do Português, Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLE/PL2). No ano académico 2012/2013, candidatou-se ao programa de doutoramento em Linguística Aplicada, onde é doutorando.

ascensão à independência nacional, em 1975, manteve-se o sistema educacional estruturado à volta do português, exclusivamente, como língua oficial (que, no entanto, era ensinada como língua materna).

O processo de Reforma Educativa de 2001 teceu consideráveis orientações ao Ministério da Educação, através da Lei de Bases nº 13/01, de 31 de Dezembro, recomendando a realização de uma investigação que viabilizasse a palingenesia (neste contexto, ressurgimento) no sistema educativo das sete línguas mais faladas do país, a saber: Kimbundu, Umbundu, Kikongo, Tchokwé, Nganguela, Kwanyama e o Fyote (variante do kikongo da região insular de Cabinda). Desde 2005 que vem sendo ensaiada, faseadamente, a sua implementação em escolas piloto, tendo como orientação a escolarização em língua de maior influência em cada região.

A adopção do sistema de educação bilingue, reminiscência da expectante introdução das línguas nacionais no sistema educativo oficial, é um processo que garante a preservação dos valores sócio-culturais e está directamente relacionado à história, ideologia e à organização sociopolítica de um povo.

O interesse deste trabalho surge da reconhecida importância e da actualidade desta temática para o desenvolvimento de uma educação inclusiva, isto é, que tenha no centro do seu eixo principal o saber materno linguístico que o aluno transporta consigo como herança da sua língua materna, como forma de aumentar a eficiência do processo de aprendizagem e tornar a Escola um lugar de formação do cidadão.

---

**Palavras-Chave:** Educação bilingue; Reforma Educativa; Línguas nacionais/línguas maternas; Língua oficial/língua segunda.

---

*Proposta 9*

*Claudia Maisa Antunes Lins<sup>6</sup>*

---

## **O tempo da arte e o tempo da educação**

---

A atuação com a componente curricular “Arte e Educação” nos cursos de Pedagogia, paralelamente ao envolvimento em projetos artísticos; a iniciativa de publicação de um livreto de entrevistas com artista e arte-educador tornaram-se terreno fértil para o nascimento deste projeto de tese. Os documentos oficiais da educação; a produção

---

<sup>6</sup> Maisa Antunes, 42 anos; 22 dedicados a docência. Professora da UNEB desde 2006. Atua com as componentes curriculares: Arte e Educação; Arte e Comunicação; Estética e Mídia; Estágio; Currículo; Espaços Não-formais de Educação; Pesquisa e Prática Pedagógica. Participação no Núcleo de Estudos: Educação Contextualizada no Semiárido Brasileiro. Atuou em instituições de ensino: escolas públicas, privadas; SESI (Serviço Social da Indústria/1999-2002); em organizações não-governamentais IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada/2002-2005); Sistematização dos Livros Didáticos “Conhecendo o Semi-Árido 1 e 2”; parceria com UNICEF, RESAB – Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro; Sistematização do texto de Educação Ambiental para o Selo Unicef-Município Aprovado/2006. Participou em projetos etnográfico-visual documental e artístico; dentre eles: “Umbanda - O Inteiro é uma Banda”; “Enquadrados”; “Leleco e o Menino Chico – Águas Passageiras”/2009. Participou de equipe desenvolvendo edição de projetos literários: Raza-Razão -2010-; Iludidos -2011-; O Sono 2011. Publicou livro: “A arte e a educação”/2011; “Arte versus educação”/2013.

teórica do conceito da “Arte-educação”; as vozes dos professores; as vozes e biografias dos artistas; o perfil de seus temperamentos; os desenhos de suas obras e poesias levaram-nos a ver e contemplar o tempo da arte e o tempo da educação distintamente.

O conceito da “Arte-educação” produziu erros ao tentar atribuir intenções educativas para a arte; ao tentar unir condicionalmente estes dois mundos. A educação é pautada para agir a partir da homogeneização; da uniformização dos indivíduos. “Uma obra de arte é o resultado singular de um temperamento singular” (WILDE, 2008, p. 45). Criada pelo e oferecida ao indivíduo. A arte sustenta-se na criação e na estética. A educação tem um currículo a se cumprir, para atingimento de resultados; o fim da arte é a própria arte. Como a arte pode ser educativa? Se “é diametralmente oposta à lei moral” (Goethe, *apud* Todorov, 2011, p. 187). Mesmo considerando os movimentos anti-colonialistas a educação, oficialmente, ainda está presa a dogmas morais e interesses econômicos, que forma e enquadra o cidadão de acordo com as necessidades de sustentabilidade de um sistema capitalista e utilitarista. Tsvetaeva compartilha a preocupação de preservar a autonomia da arte, defende a não submissão da arte ao poder da política e a da moral (TODOROV, 2011, p. 184).

As questões levantadas por esta investigação partem de uma premissa óbvia: arte é arte; educação é educação. Que em sua simplicidade mostra nossa dificuldade de contemplar a arte, como ela acontece, livre e desprovida de enquadramentos educativos; econômicos; políticos e culturais.

---

**Palavras-Chave:** Arte; Educação; Arte-educação.